



Comércio e Reabilitação : Um estudo sobre Intervenções Contemporâneas em edificações Pré-Existentes

Teófilo Barreto Vianna Meditsch
Arquiteto
teomedit@terra.com.br

O presente trabalho baseia-se em alguns aspectos abordados na dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em dezembro de 2004, sob orientação da Prof. Dra. Cláudia Piantá Costa Cabral.

Reciclagens e reabilitações são temas cada vez mais freqüentes na prática dos projetos arquitetônicos. O interesse contemporâneo destas ações, não somente no âmbito da arquitetura, poderia estar associado à contraposição da idéia de uma sociedade onde a simples substituição dos seus objetos por novos levaria a seu próprio esgotamento como fonte produtora de bens. No caso da arquitetura, a reciclagem adquire importância na medida em que a possibilidade das construções de novas cidades e conjuntos urbanos se torna menor, e as utopias dão lugar a resolução dos próprios ambientes em que se vive. Porém, as razões para tal ação não são associadas apenas a motivo econômico, mas também a preocupações de caráter cultural e histórico. Entretanto, o tema da reciclagem transcende o propósito da conservação do bem histórico. Na medida em que a intervenção propõe sua transformação, o objeto arquitetônico original passa a ser mais um elemento dos condicionantes do projeto.

Dentre os vários usos possíveis para estes edifícios e estruturas, o comércio apresenta-se como uma opção de diferentes escalas e importância como equipamento para a cidade. O uso comercial vem tornando-se também uma prática corrente destes tipos de intervenção e portanto, uma oportunidade no estudo destes projetos.

Se o uso é fundamental na relação do público com o objeto arquitetônico preservado, o comércio poderá ter grande importância na medida em que a freqüência e número de usuários são potencialmente superiores aos equipamentos culturais, por fazerem parte do cotidiano da população. A relação que o comércio estabelece com o espaço público será significativamente mais importante nas revitalizações dos centros urbanos, tema também bastante explorado nas últimas décadas.

O comércio, assim como os serviços, cada vez mais assume papel fundamental na vida das cidades. Com o crescimento e modernização tecnológica, a participação da mão-de-obra em outras atividades, como a industrial, vem diminuindo. A conseqüência é a transformação da vocação destes centros urbanos, que atualmente concentram basicamente sua força produtiva no setor terciário.

Este estudo foi organizado com o objetivo de analisar a atividade comercial e seus projetos de reciclagem como fatores de contribuição da revitalização da cidade. Foi investigado o modo como estes projetos respondem às questões urbanas, como arquitetura inovadora ou renovadora de seu uso original.

Também foi abordado o tema do comércio na cidade, suas formas contemporâneas, a relação do comércio com o espaço público e privado e as questões das relações do edifício comercial com o tecido urbano. Para tal reflexão foram utilizados como bibliografia básica os textos de Arendt ⁱ, Jacobs ⁱⁱ, Amendola ⁱⁱⁱ e Crawford ^{iv}.

Ao falarmos sobre o comércio na cidade contemporânea e sobre a idéia de contemporaneidade, seria necessário refletir sobre os próprios conceitos que se tem sobre ela. Segundo Houaiss, contemporaneidade é qualidade ou condição de ser contemporâneo, de

existir ao mesmo tempo: coexistência.^v Embora o conceito de contemporaneidade inclua a concepção de coexistência, a vontade de ser contemporâneo também é demonstrada na negação de formas passadas, na medida em que representam outras épocas que não a atual.

Bertrand Russel coloca a suposta ambigüidade entre estes conceitos, sobre passado e presente :

“(…) o passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular : ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais : essas formas-objeto, tempo passado, são igualmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como “tempo”, não porém como “espaço”; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social. Todavia estamos acostumados a pensar que o passado está morto, e que nada do passado pode ser também presente.”^{vi}

Aliado a isto, devemos situar as relações entre cidade e contemporaneidade. Se aceitarmos a idéia de Rossi de que a cidade contemporânea é a sobreposição das cidades de diferentes épocas, também aceitamos que as suas arquiteturas são coexistências de diferentes tipos. Isto é, quando pensamos sobre o comércio na cidade contemporânea, é necessário ater que estes estabelecimentos comerciais se realizam de diferentes maneiras e em diferentes formas. Não há, principalmente na nossa realidade ou mesmo em cidades históricas, com a formação das suas edificações consagradas e preservadas, uma substituição total dos tipos de edificações ou formas das relações comerciais. O fenômeno do aparecimento de outros tipos arquitetônicos não implicou, no nosso caso, na substituição da função comércio. Os centros históricos onde as ruas comerciais, galerias e lojas de departamentos tiveram sua importância no comércio da cidade, foram ocupados por outros comércios. No momento em que os primeiros estabelecimentos se deslocaram para outros setores, ou mesmo para os shopping centers, o espaço passou a ser destinado a um tipo de comércio que atende uma outra faixa de público.

Esta maleabilidade deve-se à relativa facilidade do comércio como um todo de adaptar-se e moldar-se a novas condições, tanto do ponto de vista da localização como do espaço onde é instalado. Como o objeto deste estudo é a reciclagem, observamos que as relações entre o tipo e a função que abriga não é fator determinante para o sucesso da realização do empreendimento, na medida em que se possa responder ao programa comercial no objeto reciclado.

A indagação sobre as propostas viáveis de concepções arquitetônicas para a implantação do comércio como fonte animadora e geradora econômica para a cidade, não são respondidas pela crítica. Projetos de revitalização de áreas degradadas que foram submetidas à implantação do comércio também são criticados, na medida em que procuram valorizar a arquitetura e o local através do apelo comercial, do viés do parque temático como exploração da imagem cultural.

Como exemplo, o projeto de Quincy Market e Faneuil Hall será objeto destas críticas:

“Festival marketplaces” como Faneuil Hall em Boston, Harborplace em Baltimore, e South Street Seaport em Manhattan rejeitam a homogeneidade arquitetônica do genérico mall a favor do caráter ímpar de um único local incrementado por um projeto “individualizado.” Estas áreas cênicas e históricas usam as atrações culturais como os museus estimulando experiências de compra previsíveis.”^{vii}

“Faneuil Hall e seu vizinho, o ex Mercado de Quincy Market, são hoje o mais concorrido “festival market” dos Estados Unidos. Há de tudo : restaurantes exóticos, comércios de luxo e músicos ambulantes, um museu da Revolução e, sobre tudo, uma atmosfera incrível onde se fundem o espírito dos shopping malls, de Disneylandia, do livro de história, da main street e do parque de atrações. Se encontram, contíguos e sinérgicos, o verdadeiro e o histórico – Faneuil

Hall – e o artificial e o recuperado – Quincy Market - . Os elos motivadores são diferentes mas o efeito de atração é o mesmo.”^{viii}

De qualquer maneira, mesmo que as afirmações acima sejam consistentes, as respostas programáticas nestes casos são satisfatórias na relação da arquitetura com o tecido urbano. O projeto para Les Halles em Paris, nos mostra que a simples destruição e substituição da arquitetura pré-existente pela contemporânea não atenderam, em vários aspectos, às premissas que a cidade impunha. Ao contrário, criticado como sendo a criação de um “não-lugar”, é motivo de queixosa perda pelos parisienses.

O comércio como forma contemporânea não pode ficar atrelado a uma solução simples ou na simples negação da rua e do tecido urbano. Porém, a alternativa de sua implantação quer em situações pré-existentes quer em novas, requer o uso das composições tipológicas nas diversas situações que este tecido pode traduzir ao projeto.

Porém, parece que os pré-conceitos sobre o comércio não recaem somente em diversos segmentos da crítica, mas também na atividade do projeto. Como escreveu Peter Davey^{ix} :

“Mas embora fazer compras seja uma das atividades mais antigas de gênero humano, é um assunto difícil para arquitetos. De alguma maneira, para a maioria dos arquitetos, o prazer simples de fazer compras - controlando os bens, fazendo o pequeno negócio arriscado da compra, desfrutar o passeio - é tudo um pouco desprezível: para europeus, mas não os americanos. Desde a tentativa de Robert Venturi de fazer a arquitetura tornar-se popularmente aceitável englobando as qualidades visuais da rua e toda a publicidade histrônica, muitas arquiteturas americanas populares tenderam a se tornar um ramo do marketing. Mas ainda assim, há um sentimento que shopping deve ser deixado para as pessoas do comércio. Não é sério como fazer edifícios para se viver, para a educação ou trabalho”.

“Assim o comércio foi sendo suprimido de alguma forma como um assunto arquitetônico embora seja uma das atividades mais antigas da vida urbana. Certamente nós estamos preparados para celebrar as grandes realizações das lojas de departamentos: Goldman & Salatsch de Loss , o Carson Pirie Scott de Sullivan, ou as lojas de Schoken de Mendelsohn. E elogiar lojas menores como protótipos de estilo - as boutiques de Viena de Hans Hollein são um caso óbvio. Mas a textura de vida de compra ordinária foi evitada pelos modernistas e post-modernistas de maneira semelhante (...)”

A exemplificação na nossa realidade arquitetônica também ficaria reduzida a um número pouco expressivo de modelos, como a loja da Forma de Paulo Mendes da Rocha. Porém, as possibilidades arquitetônicas não podem ser vistas como restringidas ao estigma irreduzível do parque temático, da pragmática resposta econômica geradora da dissociação com a cidade ou da alienação consumista da sociedade de massas.

É necessário ainda salientar que a garantia de uma boa solução nas intervenções em edifícios existentes ou conjuntos arquitetônicos, não se situa necessariamente em projetos de grande escala. Mais freqüentemente, as opções que os pequenos estabelecimentos apresentam para os arquitetos os tornam importantes, na medida em que estes projetos contemplam soluções até hoje referenciadas como modelos a serem seguidos. A cidade apresenta várias escalas possíveis de intervenção, pois seus objetos também se organizam em escalas diferentes. A valorização de grandes intervenções se justifica como causadoras do impacto que proporcionam. Porém, nem sempre estes resultados são garantia de aspectos positivos para a cidade. Ao contrário, podem apresentar problemas de projeto que irão necessariamente contribuir para uma herança equivocada na intervenção dos edifícios em que se situam.

- ⁱ ARENDT, Hannah. **A condição humana**, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.
- ⁱⁱ JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**, São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- ⁱⁱⁱ AMENDOLA, Giandomenico. **La ciudad Postmoderna**, Madrid, Celeste Ediciones, 2000.
- ^{iv} CRAWFORD, Margareth in SORKIN, Michael. **Variations on a theme a park**, New York, Hill and Wang, 1992.
- ^v HOUAISS, **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa**
- ^{vi} RUSSEL, Bertrand. Human Knowledge : its Scope and Limits. Nova York, 1966. p. 231. apud SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo, Hucitec,1997. p. 10
- ^{vii} CRAWFORD, op.cit. p.17
- ^{viii} AMENDOLA, op.cit. p.218
- ^{ix} DAVEY, Peter. “Shopping and the city” in **The Architectural Review** , September 1986, p.39,40